“Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum” — « Quod scripsi, scripsi » (Jo 19,22)

1. Uma placa que causa desconforto desde o Calvário

Na história da Paixão de Cristo, há um elemento aparentemente secundário que gerou tanto debate quanto a própria madeira da Cruz: o **Titulus Crucis**, a tabuleta que Pilatos mandou colocar acima da cabeça de Jesus.
São João relata assim:

> *« Pilatos redigiu também uma inscrição e a colocou na cruz; estava escrito: Jesus, o Nazareno, o rei dos Judeus » (Jo 19,19).*

Não se tratava de um gesto devoto, mas da indicação do motivo da condenação. Segundo o costume romano, o crime era exposto publicamente para que todos compreendessem a sentença. Contudo, neste caso, a inscrição não descrevia um delito, mas proclamava — involuntariamente — uma verdade eterna.

---

2. Três línguas, uma única afirmação

O Evangelho acrescenta um detalhe único:

> *« Estava escrita em hebraico, em latim e em grego » (Jo 19,20).*

- **Hebraico**: Língua sagrada do povo da Aliança. Evoca a Lei, os Profetas e a promessa messiânica. Para os judeus, a frase era uma afirmação direta de que Jesus era o Messias esperado, ainda que a intenção de Pilatos fosse outra.
- **Latim**: Língua do Império. Representa a autoridade política e militar de Roma. Nesta língua, a inscrição significava que Jesus era um pretendente ao trono, um rival de César.
- **Grego**: Língua da cultura e do comércio. Era a língua internacional do pensamento. Em grego, a frase dirigia-se a todo o mundo civilizado.

Essa tripla inscrição tem um significado profundo: **Cristo é Rei para todos os povos, culturas e épocas**. Desde a madeira da cruz, a sua mensagem foi selada nas línguas que representavam a religião, o poder e a sabedoria humana.

---

3. O conflito em Jerusalém: « Muda o texto »

Os sumos sacerdotes, ao lerem a inscrição, reagiram com indignação:

> *« Não escrevas: "O rei dos Judeus", mas: "Ele disse: Eu sou o rei dos Judeus" » (Jo 19,21).*

Aqui nasce o conflito. Para eles, a frase no presente e em forma afirmativa equivalia a reconhecer que a acusação era verdadeira. Queriam transformar uma proclamação numa simples transcrição das palavras de um condenado. Em outras palavras: **queriam relativizar a verdade**.

A resposta de Pilatos é seca, quase profética:

> *« Quod scripsi, scripsi » (Jo 19,22).*

No plano humano, Pilatos age por orgulho e teimosia; no plano divino, a sua recusa em modificar o texto torna-se um selo providencial. O que deveria ser uma zombaria ou um aviso legal transforma-se numa **proclamação messiânica e universal**.

---

4. O conflito atual: reescrever Cristo?

A tensão vivida no Calvário ainda está viva hoje. Em muitos ambientes culturais, mediáticos e até académicos, procura-se "reescrever" Cristo:

- Apresentando-o apenas como mestre moral, e não como Rei e Senhor.

- Reduzindo a sua mensagem a um património cultural, retirando-lhe o caráter divino.
- Adaptando a sua figura às ideologias do momento, eliminando o que incomoda.

O Titulus Crucis desafia-nos a manter intacta a proclamação original: **Jesus é Rei**, não apenas de um grupo ou de uma época, mas de toda a humanidade e de toda a história.

---

5. O paradoxo do pigmento: o lápis-lazúli e a realeza divina

Embora o Evangelho não descreva as cores da inscrição, alguns estudos artísticos e tradições medievais apontam para o uso de pigmentos preciosos como o **lápis-lazúli** para realçar as inscrições sagradas. O lápis-lazúli, de azul intenso, era símbolo de céu, eternidade e glória divina (cf. Ex 24,10).

Se a inscrição de condenação tivesse sido destacada com esta cor, a ironia seria total: o mundo queria humilhar, mas a cor proclamava a realeza celeste. Em termos teológicos, isso ilustra como **Deus reveste de glória aquilo que o mundo considera derrotado**.

---

6. Chaves pastorais para viver hoje o Titulus

1. **Confessar publicamente**
   Não basta acreditar em privado. A tripla língua do Titulus lembra-nos que a fé deve ser proclamada em todos os âmbitos da vida.
2. **Resistir à reescrita**
   Tal como Pilatos recusou-se a modificar a inscrição, assim o cristão deve permanecer firme diante da tentação de suavizar ou adaptar a verdade do Evangelho.
3. **Reconhecer a universalidade de Cristo**
   A realeza de Jesus supera culturas e fronteiras. Acolhê-lo como Rei significa abrir-se a todos os povos.
4. **Transformar a humilhação em glória**
   Assim como a cruz se tornou um trono, também as nossas provas podem ser ocasião para manifestar o senhorio de Cristo.

7. Conclusão: « Quod scripsi, scripsi »

A placa do Titulus Crucis é mais do que uma relíquia arqueológica. É uma **profecia escrita por mão humana e selada pela Providência**. A sua tripla inscrição recorda-nos que Cristo não é apenas uma figura histórica, mas o **Rei eterno**. E o conflito ocorrido em Jerusalém ainda ressoa hoje, porque ainda há quem queira suavizar a sua mensagem.

Diante desta tentação, a resposta de Pilatos — ainda que movida pela sua indiferença — é um convite à fidelidade:

> *« Quod scripsi, scripsi ».*

O cristão que vive esta verdade torna-se um “titulus vivo”: uma testemunha que, com a sua vida, proclama sem medo e sem alterações que Jesus é o **Rei dos reis**.